

MENINO

ANJO

CELSO INNOCENTE

Menino Anjo

(Ficção infanto-juvenil)

ISBN 978-85-914107-2-9

1ª edição

Celso Aparecido Innocente

Rio de Janeiro

2012

Sumário

Prefácio -----	7
Irresponsabilidade -----	9
Menino diferente -----	16
Psicóloga -----	25
Diabo negro -----	35
Sequestro -----	45
Assaltantes -----	54
Milagres -----	69
O preço de um crime -----	82
Terroristas -----	96
Culpado ou inocente -----	103
O pior dos crimes -----	114
Era uma vez um menino anjo -----	124
O autor -----	131

Pode uma criança voltar à vida depois de ter sido considerada pela medicina cientificamente morta? O que pode acontecer a alguém que esteve do outro lado da vida e recebeu a dádiva para voltar ao convívio humano sem sofrer sequelas?

Prefácio:

Amigo leitor; convido você a entrar agora em um mundo diferente, além da nossa imaginação, onde tudo é possível aos olhos de uma criança que teria passado por um trauma pós vida extraordinário.

Quando a pessoa deixa aqui na Terra seu corpo matéria, sua vida vai passar por uma experiência diferente, em um mundo onde não haverá mais dores ou tristezas; um mundo onde todos têm o mesmo paradigma e permanecerão juntos sem sentimentos mesquinhos, como inveja, cobiça, injúria e tantos outros.

Se estes seres especiais, que deixaram nossa Terra para seu mundo digno, resolvesse voltar e estivesse presente em cada maldade que viesse a afligir nossa humanidade, dando-lhes um pouco de seu amor ou justiça espiritual, talvez viéssemos a viver, mesmo aqui em nosso mundo materialista, com um pouco mais de paz, amor e dignidade humana.

Na época do dilúvio, disse Deus a Noé: Jamais destruirei o mundo Terra novamente. O homem é capaz de fazer isso por si mesmo; não precisa de minha ajuda.

Será que um pai estuprar o próprio filho, não seria o sinal do final da vida? Um filhinho de papai, colocar fogo em miserável, que já padece nas ruas das grandes metrópoles, não é sinal que já não existe mais amor entre as pessoas? Um filho, drogado ou não, bater na cara da própria mãe, não é sinal que as portas do inferno foram esquecidas abertas? Uma criança ser vendida ao exterior, com único objetivo de mercadoria valiosa, para que lhe tirem seus olhos, rins, fígado, pâncreas, pulmão, coração, pele, ossos, medula óssea... Em cruel tráfico de órgãos; não é sinal que o demônio já foi solto?...

Como seria bom, se um destes seres espirituais, mesmo em forma de criança, surgisse entre nós, para acabar com tantas injustiças terrenas e nos mostrasse um pouco do amor, com que estão habituados a conviver pelos séculos dos séculos.

O autor.
Março, 2012

Irresponsabilidade.

A festa, regada a churrasco, muita cerveja e vodka, estivera animada durante todo aquele domingo, em comemoração ao aniversário de dezenove anos de Marcelo, que convidara toda sua galera. Não eram tantos jovens assim: doze no total. O mais velho, Luis Fernando, de vinte e um anos; o mais novo, Ricardo, de quinze. Porém além deles, também estava presente a mãe Isadora e a irmã Jaqueline, de vinte e quatro anos, com o filho Regis, de apenas nove anos.

Com isto, quase final de dia, cerca de quatro horas da tarde, todos os jovens, embriagados, resolveram se refrescar no açude do Peçanha, que fica quase ali, a pouco mais de quinhentos metros.

O menino Regis, apesar de única criança no grupo, pediu permissão à mãe e acompanhou os amigos e tio Marcelo nessa refrescante aventura. Nem se sabe se os rapazes tomaram consciência de tal presença tão insignificante para um grupo aventureiro como eram e lá se foram para os deliciosos saltos da altura de quatro metros, de cima de uma enorme pedra, caindo de mergulho nas águas profundas de tal local, quase deserto para o horário de verão do mês quente de Janeiro.

Era certo que todos estavam embriagados; porém, depois de alguns mergulhos, a tensão alcoólica diminuiu e a memória volta à quase normalidade, então Marcelo se lembrou de perguntar:

— Ricardo, você viu Regis?

Só então, todos se lembraram que Regis estava com eles e o susto da falta do menino, fez com que a bebedeira sarasse totalmente em questão de segundos. Alguma coisa, talvez muito grave devesse ter acontecido com a criança e

Celso Innocente

como o local era de sua paixão, enquanto Leonardo, com telefone celular, discava um nove três, os demais caíram na água em gritaria e busca desesperada pelo menino desaparecido.

Menos de cinco minutos depois, a ambulância vermelha do grupo de bombeiros, chegava pela estrada de terra, que dava acesso a tal local e exatamente nesse momento, Juan Carlos, de dezesseis anos, levantava da água, trazendo consigo, inerte, o corpo do inocente Regis.

Entregue aos cuidados dos paramédicos, o menino passava imediatamente pelos primeiros socorros, em tentativa desesperada de fazê-lo voltar a seu estado consciente, através de massagem cardíaca, respiração artificial e movimentos com os membros superiores e inferiores. Regis porém, talvez tivesse passado muito tempo sob as águas e não estava reagindo aos primeiros socorros.

Os bombeiros colocaram o menino sobre uma maca e ainda com paramédico manipulando os cuidados, foi colocado sobre a ambulância e levado à Santa casa de Misericórdia, aproximadamente cinco quilômetros de distância.

Chegando ao hospital, como já fora informado pelo rádio, teve seu pronto atendimento efetuado com emergência, onde o médico de plantão não precisou de mais que alguns segundos para informar a triste notícia: Regis, um menino bonito, branco, de cabelos loiros lisos e olhos castanhos, apenas nove anos de vida terrena, trajando apenas uma cuequinha preta, estava morto.

Esta triste nota fora passada com certa naturalidade, pelo pessoal do hospital à mãe e tio de Regis, que acabavam de chegar ao local, em carro da própria Jaqueline, que então

caia ao chão em choro desesperador, vômito e acabando por desmaiar, precisando também ser socorrida.

Para o hospital, acontecimentos assim, às vezes poderiam ser até rotina, mas para uma jovem mãe, já abandonada pelo marido, perder desta trágica maneira, o único filho, tão pequeno, era a coisa mais cruel que a vida poderia lhe proporcionar, neste nosso mundo ingrato.

Ainda deitado sobre a mesa hospitalar, antes de ser encaminhado ao i eme éle, o corpinho inerte do pequeno anjo, até parecia dormir tranquilo. Mas como dormir tão cedo? Pouco mais de cinco horas da tarde, de um domingo que teria sido muito alegre e quente. Acho que ainda não era hora e então, aos poucos, Regis voltava a respirar devagar e estando sozinho em mesa fria, conseguiu abrir os olhinhos, tossiu um pouco, vomitou um tanto da água que engolira no açude, depois, pouco assustado, se levantou devagar, saindo caminhando em busca de alguém que pudesse lhe amparar.

Sem noção de caminho, o menino seguiu por um longo e deserto corredor, passando por uma placa que dizia: geriatria. Entrou em um dos quartos e encontrou um homem bem idoso, talvez uns oitenta anos, deitado sobre uma cama, praticamente agonizando em leito de morte, com alguns aparelhos ligados a seu corpo.

Regis, muito sério, olhou para o homem, que, acordado, parecia lhe pedir algo, então olhou para os equipamentos e se aproximou devagar; fez um leve gesto com o canto esquerdo da boca, colocou a mão direita sobre a frente do homem, deslizando-a sobre seu rosto e pausando-a sobre seu peito. Aquele homem cansado, esboçou um leve sorriso e fechou seus olhos.

Um espectro se levantou daquele corpo inerte e caminhou pelo quarto a encontro de outro Regis, a qual talvez

devo chamar de anjo Regis, que com leve sorriso, o recebeu para uma outra vida, diferente da que estava vivendo. Mas Regis não poderia ser anjo, pois estava muito bem vivo, embora tivesse passado muito tempo em estado inconsciente.

O menino deixou aquele quarto, voltando a caminhar pelo corredor, parando na porta fechada de outro quarto, onde podia se ouvir nitidamente, um gemido doloroso de um ser humano em leito moribundo. Lentamente abriu aquela porta e mesmo sem pedir licença, adentrou àquele quarto triste, onde outro homem, de seus mais de noventa anos de idade, respirando por uma máquina barulhenta, parecia lhe pedir para tirar daquele local infernal. A morte pode nos parecer algo muito cruel e triste, mas quando a vida já não nos convém, talvez a paz e saúde espiritual, só seja possível, através de uma passagem sem retorno.

Regis, apenas com um gesto triste, franzindo o canto esquerdo da boca, se aproximou daquele leito de morte, espalmou sua mão direita sobre a testa daquele moribundo e depois, a mesma mão se deslizou para sua barriga, em rumo ao pulmão doente.

A máquina barulhenta continuou funcionando, mas o sofrimento daquele homem velho se passara para sempre. Um novo espectro levantou daquele corpo cansado e novamente foi recepcionado por um anjo Regis, que estando no canto do quarto, estendeu-lhe a mão direita, em leve sorriso de amor e bondade.

Na recepção do hospital, o médico adentrara à sala de emergência, para assinar o atestado de óbito do inocente Regis; porem teve uma surpresa, ao não encontrar o corpo do menino, então bravo, chamou a atenção da enfermeira, alegando que não deveria ter levado o corpo ao i eme éle,

antes de sua autorização e que ela deveria buscá-lo novamente.

Regis caminhava então pelo longo e deserto corredor, até atravessar uma placa que dizia: pediatria masculina; entrou em um quarto grande com mais de quinze leitos, dos quais, dez estavam ocupados por crianças entre cinco e doze anos de idade. Parou no primeiro leito e ficou contemplando um menino loiro, de aproximadamente sete anos de idade. O pequenino estava acordado, porem com aspecto muito doente e cansado.

— O que você sente? — Perguntou-lhe com gesto de piedade.

— Vou fazer uma cirurgia no peito! — Respondeu-lhe o pequeno, com ar de muita dor.

— Por quê?

— Cirurgia do coração!

— Isto é muito grave! — Insinuou Regis.

Se aproximou daquele leito, deu um leve sorriso, colocou sua mão direita sobre o peito do menino, depois passou a outra mão sobre a planilha de acompanhamento médico, a qual dizia que a cirurgia estava marcada para o dia seguinte, alterando completamente as orientações médicas...

Na entrada do hospital, todos estavam irrequietos, pois ninguém sabia quem ou para onde teriam levado o corpo do menino.

Marcelo e Jaqueline, já medicada e praticamente dopada, mas ainda desesperados, continuavam na recepção, aguardando para ver o filho, antes de tomarem as providências para o referido funeral.

— Para onde levaram o corpo do menino? — Insistia o médico com todos.

Ninguém havia visto ou mexido no corpo.

— Como um corpo desaparece assim?

As onze crianças da pediatria estavam todas de pé, brincando na maior das farras, as quais só meninos saudáveis são capazes de fazer. Uma enfermeira adentrou ao recinto e gritando apavorada, mandou que todas as crianças voltassem para seus leitos. Todas, embora contrariadas, resolveram obedecer àquela ordem intimidadora. Todas, menos uma. A enfermeira se aproximou de Regis e segurando-o pelos dois braços, lhe perguntou:

— Você não estava nesta unidade! De onde você veio? E o que está fazendo quase despido?

Regis não lhe respondeu, apenas apontou para o corredor, então a enfermeira lhe puxou pelo braço e o levou de volta por um longo caminho, que ligava a pediatria da santa casa, até o serviço de emergência do pronto socorro municipal, onde, entre todos os funcionários irrequietos, encontrou também o mesmo médico da emergência, que dobrando seus joelhos para ficar na mesma altura, examinou seus olhos dizendo:

— Onde você estava menino?

Outro médico se aproximou e então ouviu do companheiro:

— Não é possível! Eu assinei o óbito desse menino!

— Doutor, não se pode falar assim perto de uma criança! — Advertiu o menino.

— Você sabe o que é óbito? — Perguntou-lhe o outro médico.

— Sei o que é vida! — Ironizou o menino.

— O que aconteceu com você? — Ainda não entendia os médicos.

Regis porem fez apenas um gesto com os ombros. Os médicos o levaram à sala de espera, onde sua mãe e tio continuavam sem saber notícias concretas.

Quando Jaqueline avistou o filho se aproximando, continuou desesperada, mas de outra forma. Gritou o nome do menino e saiu correndo a abraçá-lo. Não podia entender por que os médicos e enfermeiros havia lhe anunciado o óbito do filho, já que ele estava muito bem. Mas isso não era tão importante, pois quão grata ela estava a Deus todo poderoso, por devolver-lhe seu anjinho inocente, em uma nova chance de vida.

Os médicos ainda perplexos se reuniram a outros para tentarem entender o porquê, de duas pessoas que estavam em estado consciente, terem entrado ao mesmo tempo em óbito na geriatria e dez crianças, se recuperarem totalmente em uma das unidades de pediatria, inclusive Ivo, um menininho loiro, de apenas sete anos de idade, que seria submetido a uma grave cirurgia coronária no dia seguinte e seu prontuário médico, estar completamente em branco.